

Encontros Cafuzos

“Nós não queremos dizer, não temos a intenção de dizer que o que vamos dizer é verdade”. Estas são as palavras com as quais os contadores de história de Ashanti, em Gana começam sua narração¹.

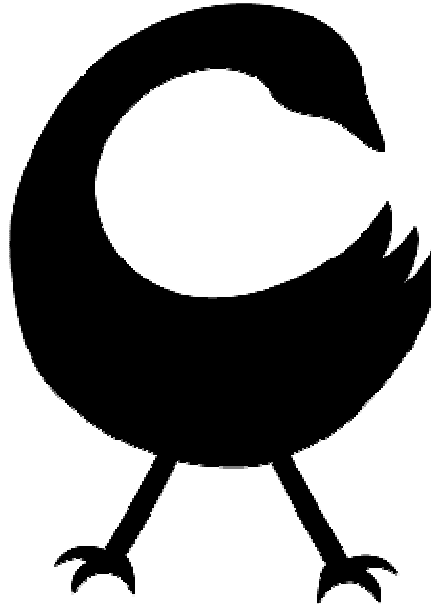


Figura 1: *Sankofa*, símbolo *Adinkra* cujo significado está ligado à sabedoria de aprender com o passado, recuperando memórias, para construir o futuro.²

O Coletivo Cafuzas surge do desejo das narradoras-mediadoras Rosana Borges Silva, Roberta Stein e Daniela Landin de pesquisar as culturas indígenas e africanas. Atuantes em diferentes linguagens artísticas, nós, integrantes do Coletivo, ainda não havíamos tido a oportunidade de levar adiante uma investigação mais verticalizada acerca desses dois imensos universos culturais. A possibilidade de relacionar um estudo em torno de narrativas com outras práticas ligadas às culturas de nossos ancestrais pareceu o ensejo perfeito de não só realizarmos uma pesquisa que contribuísse com a trajetória profissional de cada uma de nós, mas, principalmente, que fortalecesse culturas historicamente desvalorizadas e/ou criminalizadas e assim também oferecer apoio às lutas pelos direitos das populações indígenas e negras no

¹ MANDELA, Nelson. *Meus contos africanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

² Essa noção de aprender com o passado fica explícita no ditado “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás”. Cf: NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). *Adinkra – sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009, p.40.

contexto brasileiro. Era ainda a possibilidade de minimizar nosso desconhecimento em relação às culturas indígenas e africanas – universos infinitos em que quanto mais mergulhamos, mais percebemos sua profundidade. Por fim, saímos imensamente alimentadas do ponto de vista profissional, artístico, ético e político – e a fome só aumenta.

Desde o início, o trabalho foi encarado como o disparador de um longo estudo que tínhamos apenas começado. Daí a nossa intenção de estarmos permanentemente em estado de pesquisa e com o intuito, em primeiro lugar, de aprendermos inspiradas pelo significado de um dos símbolos *Adinkra*, “nea onnim no sua a, ohu”, segundo o qual quem não sabe pode saber aprendendo. Mobilizamos, portanto, os nossos sentidos e toda a nossa percepção em prol da construção de uma travessia repleta de aprendizados, compartilhamentos mútuos – animadas pelo pensamento freireano de que os sujeitos históricos aprendem e ensinam uns aos outros em comunhão³. No caso do nosso projeto, em cada encontro cafuzo, que se dava em **intervenções narrativas** caracterizadas por breves ou longos contatos marcados pelo imprevisto ou ainda em **rodas de compartilhamento** em que qualquer pessoa estava convidada a partilhar saberes, experiências, comentários, questionamentos de forma franca, aberta e com a liberdade necessária para o desenvolvimento de um projeto de Mediação em Arte. O projeto “Encontros Cafuzos – A prática narrativa e outras experiências ligadas aos povos indígenas e africanos” foi composto de duas ações:

Intervenções narrativas

Com a proposta de experimentar diferentes formas de narração em suas relações com o público e com o espaço, sem perder o compromisso com o fortalecimento da tradição oral, as narradoras percorrem espaços abertos e fechados do Centro Cultural São Paulo e do seu entorno (a calçada que dá acesso à instituição, pela Rua Vergueiro, e a região de entrada e saída da estação de metrô Vergueiro), propondo encontros mediados por narrativas indígenas e africanas.

³ Esta ideia evoca uma experiência histórica que foi o “círculo de cultura” instituído pelo educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) na década de 1960, como parte de sua política pedagógica. Criado como espaço de diálogo e inserido numa perspectiva de ensino-aprendizagem, o “círculo de cultura” é uma referência para a elaboração de uma das ações do projeto do Coletivo Cafuzas – as rodas de compartilhamento de experiências – por se configurarem como encontro possível para a expressão e para o aprendizado, em que não há transferência de conhecimento, mas uma construção coletiva de saberes, sendo que a própria disposição dos participantes instaura um contexto horizontal para o compartilhamento. Na roda-círculo, tudo o que é proposto passa a ser de todos que a constituem, daí a ideia de *compartilhamento* e *processo*, em que a função de mediação de conteúdos pode ser constantemente alternada.

Rodas de compartilhamento de experiências

Encontros, abertos a quaisquer interessados, caracterizados pela partilha de saberes e práticas relativas às culturas indígenas e africanas, como habilidades manuais, jogos, brincadeiras, narrativas, incluindo relatos de experiência. Trata-se de uma ação voltada para o aprendizado mútuo dos participantes, em que todos estão convidados a ensinar e a aprender em experiência.

Nas ações realizadas no CCSP, era possível perceber que muitas pessoas pouco sabiam acerca das culturas indígenas e africanas, mas também que tantas outras detinham diversos conhecimentos e que, muitas vezes, não tinham a oportunidade de compartilhar esses saberes e essas experiências, de crianças a pessoas mais velhas. Dessa forma, tanto nas intervenções quanto nas rodas essas temáticas chegaram não só a interessados, pesquisadores e militantes, mas também a pessoas aparentemente distantes dessas culturas. Pessoas que simplesmente estavam em algum ponto do Centro Cultural São Paulo, por quaisquer motivos, e que aceitaram o convite para ouvir uma história ou se juntar a nós em um contexto aberto para o diálogo.

Ter tido a chance de realizar esse projeto no CCSP significou lidar com a tarefa pedagógica, artística, política e ética de contribuir para o fortalecimento das culturas indígenas e africanas em uma instituição referencial na cidade de São Paulo, em que as pessoas que fazem dela esse local tão importante têm a consciência dos sentidos em torno da ocupação e da construção permanente de um espaço público. Além disso, nosso trabalho foi potencializado por conta da heterogeneidade dos públicos presentes no CCSP, possibilitando a interlocução com pessoas de diversas experiências, formações, idades, modos de estar no mundo e que ali estão por interesses igualmente diferenciados, incluindo sujeitos não só de diferentes "turmas" ou "tribos", mas também os funcionários de diversos setores, como a limpeza, a segurança, a manutenção, a infraestrutura, a contabilidade, entre outros. Uma característica da experiência como um todo esteve justamente em oferecer a mesma possibilidade de vivência e contato – a um professor, a um morador de rua, a um grupo de adolescentes frequentadores, a um trabalhador da região, etc. – e, a partir disso, viver a singularidade de cada encontro. Vale lembrar ainda que foi significativo também abordar as culturas indígenas e africanas, de modo conjunto, em um espaço cultural público, sendo que nem sempre há abertura para isso nesse tipo de local⁴.

⁴ Em relação a isso, é preciso lembrar, entretanto, de experiências importantes em espaços como o Centro Cultural da Juventude, onde acontece semanalmente o projeto Terça Afro, e a Ocupação Preta, que ocorreu ao longo de 2014, no Centro Cultural da Penha. Além disso, aconteceu em agosto de 2014 a primeira edição do evento *Agosto Indígena*, promovido pela Prefeitura de São Paulo em unidades dos CEUs (Centros Educacionais Unificados).

Nesse sentido, ao fazermos convites para as participações nas **rodas de compartilhamento de experiência**, foi possível abrir espaços de fala para pessoas indígenas e negras, dando poder a elas, e instigando em diferentes públicos o interesse, a curiosidade, o estímulo à pesquisa e ao conhecimento das culturas em questão. Dessa forma, foi possível, ainda que em escala modesta, reiterar que o CCSP é um espaço que pertence realmente a todos nós – indígenas, negros, cafuzos, mestiços. A luta dos movimentos indígenas e negros é profunda e antiga e diz respeito a todos e todas. Os preconceitos, o racismo e o genocídio – que, sempre importante lembrar, ainda estão em curso –, marcados por questões de etnia e de classe, devem ser inquietações de todas as pessoas como possibilidade de reverter o processo de violência a que foram e são submetidos os povos indígenas e africanos e seus descendentes em nosso país; haja vista os assassinatos de indígenas por disputas de terra e uma série de fatos ligados ao que os movimentos sociais identificam como o atual genocídio da população negra e periférica por parte das polícias, sobretudo a militar, para ficarmos apenas em poucos exemplos⁵. Estamos falando de uma luta incansável por sobrevivência, por pedaços de terra, por respeito, por dignidade, pela Vida... Isso porque estudar e compartilhar saberes relativos a essas (que são também nossas) culturas é parte do processo de identificar aspectos delas em nosso cotidiano e em nossa formação cultural, ao mesmo tempo que é também lidar com outras visões de mundo, costumes, valores, noções de conhecimento, crença e humanidade. Dessa forma, tomamos para nós a tarefa de expandir o alcance desses saberes, dessas informações e experiências, fortalecendo tais culturas e entendendo que não há hora e lugar específicos para falarmos disso tudo e que, sim, esse debate diz muito mais respeito a nós do que costumamos imaginar. Reafirmamos nosso compromisso em cada vez mais abrir espaços de fala e valorizar discussões em torno da importância do ensino de saberes e fazeres indígenas, africanos e afro-brasileiros nas escolas e nos espaços de educação não formais, das diferentes crenças e costumes, da tradição e da contemporaneidade dessas culturas, para entendermos melhor quem somos, o que fomos e para onde estamos indo, e, ainda, para trilharmos o caminho de nossas múltiplas identidades, reparando dívidas históricas e agindo em prol da diminuição da

⁵ No dia 1º de novembro de 2014, foi encontrado o corpo da líder indígena guarani-kaiowá Marinalva Manoel, de 27 anos, à margem da rodovia BR-163, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Marinalva, uma das defensoras da demarcação da terra indígena Ñu Verá e integrante do Grande Conselho Guarani-Kaiowá Aty Guassu, recebeu 35 facadas – os golpes foram desferidos no tórax, no pescoço, no rosto e na mão esquerda (Fonte: página da internet Combate Racismo Ambiental). De acordo com estudo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), divulgado em 2 de abril de 2014, o índice de pessoas negras mortas em decorrência de ações policiais a cada 100 mil habitantes no Estado de São Paulo é quase três vezes maior que o registrado para a população branca; os dados revelam que 61% das vítimas da polícia no Estado são negras, 97% são homens e 77% têm de 15 a 29 anos.

falta de conhecimento e da construção de um futuro em que os diferentes povos possam aprender uns com os outros e conviver de maneira orgânica, ética e justa.

Voltamos ao passado para construirmos novas memórias com encontros preciosos com os quais pudemos aprender fazendo!



As três narradoras do Coletivo Cafuzas na primeira roda de compartilhamento de experiências do projeto, com a presença de professores e dos convidados Adriano Veríssimo e Chirley Maria (ao fundo). Junho/2014. Foto: Gyorgy Laszlo

Cada um vê o mundo com as histórias que carrega no coração

por Rosana Borges Silva

Havia uma cidade que era esculpida nas montanhas. Para se chegar a ela era preciso subir muito alto por um caminho muito estreito. Portanto, era preciso fazê-lo a pé. Mesmo assim, muitos turistas queriam conhecer essa cidade e muitos se aventuravam. Então, um ancião resolveu construir um casebre bem no meio do caminho, para receber os turistas para um chá e uma boa prosa. Assim ele fez e lá ficou com seu neto.

Um dia passou por lá um turista que estava indo para a cidade, o ancião convidou o homem para um chá e ele aceitou; depois, seguiu o seu caminho. Quando desceu, parou novamente no casebre do velho e, horrorizado, contou o que tinha visto por lá: “Naquele lugar as crianças andam descalças pelo chão de terra batida, misturam-se aos porcos, galinhas, macacos, tudo quanto é animal. E as mulheres? Elas ainda lavam as roupas no rio!” E ainda completou: “Nunca mais pisarei nessa cidade.” O ancião respondeu: “Naturalmente, naturalmente...” (...)

(Início de um conto africano que tem, provavelmente, origem na Argélia e que narrei durante as **intervenções narrativas e rodas de compartilhamento** no CCSP ao longo do projeto “Encontros Cafuzos”)

Num tempo em que, por vezes, olhar no olho parece estar fora de moda, falar com desconhecidos pode ser perigoso ou, no mínimo, perda de tempo, em que presentes, só se forem comprados, quando estamos sempre com pressa, embora algumas vezes, já sem saber por que, num tempo em que, por vezes, só se fala da falta de tempo e que “curtir” é quase abraçar... Dizer que nesse tempo vivemos encontros com desconhecidos marcados por delicadas trocas de olhares e sorrisos de cumplicidade, em alguns momentos, marcados também por lágrimas e confidências, por escuta e presença costuradas por histórias, pode parecer um “mito”. Mas sim, com histórias de povos indígenas e africanos que foram transmitidas de gerações para gerações e que trazem uma força ancestral cheia de sabedoria e sutilezas singelas que nos fazem refletir, pudemos presentear as pessoas e viver esses encontros, compartilhando momentos belos e especiais, experiências transformadoras e aprendizados que devem reverberar em nossa formação para sempre.

(...) O homem foi embora prometendo nunca mais voltar. Logo depois outro turista apareceu por lá. O ancião convidou o homem para um chá, ele aceitou, sentou, conversou e depois subiu, pois estava ansioso para conhecer a tal cidade esculpida nas montanhas. Muitos dias depois o homem desceu e

novamente parou no casebre do ancião. Encantado, contou ao velho o que tinha visto por lá: “Naquele lugar as crianças correm livres com os pés na terra e convivem em harmonia com todos os animais. E as mulheres? Elas lavam as roupas no rio, numa espécie de dança, e depois desfilam com suas bacias na cabeça, cantarolando uma canção. Lindo! Não vejo a hora de voltar para aquela cidade”. O ancião respondeu: “Naturalmente, naturalmente...” (...)

Falar de indígenas e africanos é falar de todos nós. Sempre senti que esse assunto muito me dizia respeito, mas até viver os encontros cafuzos não tinha tido a oportunidade de mergulhar como eu queria nesse universo, por isso, encontrar parceiras e um espaço para me lançar nesse mergulho foi fundamental para o início dessa imersão (sim, início, pois percebi que quanto mais mergulho, mais profundo fica).

Tenho ascendência indígena. Meu avô materno terminou a vida morando em uma comunidade Pataxó, em Pau Brasil, na Bahia. Saber mais sobre a forma de vida dos meus ancestrais foi muito especial e importante. Afinal, conhecer sua própria história é fundamental, suas raízes, e isso para uma pessoa que leva a vida contando histórias é imprescindível.

As **intervenções narrativas** foram cruciais para minha formação como narradora. Narrar histórias indígenas e africanas traz a sensação de beber água da fonte.

A tradição oral é muito forte para esses povos e cada povo transmite suas histórias com seus ensinamentos, costumes e crenças. As histórias carregam particularidades e dizem muito de cada povo, mas o extraordinário é identificar nessas diferenças muitas semelhanças. Essas histórias falam de medos, de crenças, da convivência entre o ser humano e a natureza, da criação, sendo questionamentos feitos pelo ser humano independentemente de sua origem. As histórias nos aproximam.

Já nas **rodas de compartilhamento** foi novo me colocar no papel de mediadora. Viver a experiência de mediar um encontro com o cuidado de não dar respostas, e sim levantar

diálogos possíveis, respeitar o espaço do outro e chegar junto com o grupo num momento de compartilhamento mútuo foi gratificante.

Os depoimentos dados em nossas rodas me tornaram, com certeza, uma pessoa mais consciente. Abaixo, cito alguns dos compartilhamentos que tivemos o prazer de receber.

Chirley Maria, da etnia Pankará, coordenadora pedagógica do Centro de Educação e Cultura Indígena – CECI, falou sobre a vivência nas comunidades e respondeu perguntas de professores que estavam presentes em nossa primeira roda; Adriano Veríssimo, Guarani-mbya, coordenador educacional da CECI da Tenondé Porã, narrou uma história em guarani e nos proporcionou uma experiência única; Priscila Jácomo, artista que realizou um trabalho de palhaço com outros artistas, na Aldeia Kariri Xocó, uma comunidade indígena de Alagoas, relatou de forma bastante emocionada essa experiência, sublinhando a generosidade, a receptividade e a sabedoria dos indígenas, incluindo a percepção deles em relação à natureza do trabalho de palhaço, e por fim compartilhou um vídeo relacionado à experiência; Angela Pappiani, escritora e jornalista que realiza projetos relacionados às culturas indígenas desde 1985, que generosamente nos trouxe um pouco de suas histórias vividas e das histórias que recolheu ao longo de todos esses anos de pesquisa, de amizade e de partilha com alguns povos; Rubia Konstantyni, narradora de histórias e atriz que realizou dentro do projeto “Mochilas Literárias”, da Cia. Sábias Cenas, uma ação no Vale do Ribeira em uma aldeia indígena Guarani, em Eldorado, emocionou-nos ao lembrar a experiência vivida por ela; Dirce Thomaz dos Santos, atriz que atualmente participa do espetáculo *Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas*, com a Cia. Os Crespos, falou-nos sobre o teatro negro, sobre grandes artistas como Abdias Nascimento, Carolina Maria de Jesus e fez com que todos os que estavam presentes naquela roda questionassem o porquê de não aprendermos sobre esses artistas na escola.

Essas pessoas disponibilizaram seu tempo e suas histórias de forma generosa pelo simples desejo do encontro e da partilha de experiências relacionadas a esses temas, lembrando que as rodas foram únicas e que eram construídas pelos integrantes que ali estavam, sendo que muitas pessoas que foram apenas ouvir sentiram vontade e liberdade para compartilhar. Como um exemplo desses momentos destaco o da professora Cristina Saghy Kassab, que trabalha no Colégio Rio Branco: em nossa primeira roda compartilhou uma música do povo Munduruku (também presente em outras culturas indígenas) que faz parte do ritual de se anunciar o começo de uma brincadeira. Foi um presente que recebemos e que permeou nosso projeto. Em vários momentos brincamos, cantamos e dançamos juntos. Por falar em brincar, jamais vou me esquecer de uma frase citada em um depoimento em nossa roda: “Cadê o tempo pra brincar?”

(...) Assim que o homem foi embora, o neto, que estava ao lado do avô todo tempo, muito intrigado, perguntou como o avô podia ter concordado com os dois turistas se eles tinham tido impressões tão diferentes do mesmo lugar. O ancião então respondeu: “Naturalmente. Cada um vê o mundo com as coisas que leva no coração!”

Fui presenteada por duas vezes com a história que costurei ao longo do meu texto. A primeira, quando ouvi do griot Hassane Kouyaté, de Burkina Faso, país da África Ocidental. A segunda, do narrador Jihad Darwiche, originário do pequeno povoado de Marwaníyé, no Sul do Líbano. Nas duas vezes me senti profundamente tocada por ela e pelo brilho no olhar daqueles narradores. Quando fui pensar nas escolhas das histórias para viver os encontros cafuzos no CCSP, ela foi a primeira que tive vontade de “espalhar”. Ela me rendeu encontros preciosos e muitas sementes plantadas em meu coração e em meu colar, que começou apenas com o cordão e foi sendo construído durante as **intervenções narrativas**, onde a cada encontro a pessoa ou grupo presenteado com uma história escolheu uma

semente em meu saquinho de sementes e plantou em meu colar. Deixo aqui registrada essa narrativa para que sintam um pouco do que vivemos, em que as histórias africanas e indígenas costuraram os encontros, os desabafos de nossos ouvintes/narradores, o jogo da peteca, as experiências vividas e as sementes plantadas. Que assim ela siga viajando e presenteando pessoas.



A narradora Rosana Borges Silva em intervenção narrativa no Jardim do CCSP. Junho de 2014. Foto: Gyorgy Laszlo

**Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás
(significado do símbolo *Adinkra Sankofa*)**

por Roberta Stein

Cada roda de compartilhamento, cada intervenção narrativa, cada encontro, cada história, cada gesto, cada olhar: tudo ficará na memória e, principalmente, na alma de cada uma de nós e esperamos que cada semente “plantada” em nossos colares e escolhida pelas pessoas com as quais pudemos compartilhar as narrativas indígenas e africanas fique na pele, na mente, no coração, na gente.

Guardaremos as imagens, os olhares, os sorrisos, as lágrimas, os relatos, as histórias, os gestos, as pessoas.

Este projeto teve por muitas vezes como definição a palavra *Abayomi*, que, em iorubá, tem como um dos seus significados encontro precioso. Porque foi feito de encontros assim, preciosos e únicos: encontros estes que tiveram um valor imenso, pois foram enriquecedores e intensos e, acredito, foram assim porque tratavam de temáticas indígenas e africanas, que apontavam caminhos em direção à nossa própria ancestralidade por meio do encontro com alguns saberes, tradições, ensinamentos, encantamentos, histórias, jogos, símbolos e visões de mundo.

Quanto mais nos aprofundávamos nessas culturas, que também são tão nossas, íamos percebendo que, sim, seria uma pesquisa para a vida toda, e que não, não seria possível passar por elas sem querer continuar a conhecê-las, trazê-las e buscá-las cada vez mais. É um caminho sem volta dos mais prazerosos e instigantes de se prosseguir.

Foi maravilhoso ver desde as **rodas de compartilhamento** com crianças de 6 a 9 anos e adolescentes de 12 a 14 anos, até as rodas em que vieram nossos amigos, professores e público espontâneo, o envolvimento com tudo que compartilhamos e que eles compartilharam.

Nas rodas em que vieram crianças e adolescentes por meio do projeto Recreio nas Férias, propusemos jogos africanos e indígenas, por exemplo: a corrida do saci (do povo indígena Kalapalo), uma corrida de um pé só, em que o importante não é vencer a brincadeira, e sim treinar para conseguir correr rápido em relação àquele que está mais treinado, com o intuito de vencer seus próprios limites, e não o outro.

Depois passamos para o jogo *Mbube*, do povo africano de Gana, em que todos participam, tanto os que estão ao redor da roda quanto a dupla que está dentro. *Imbube* significa leão, em zulu, e, em *mbube*, chamar o leão. A ideia é que uma dupla vá ao centro da roda e, de olhos vendados, uma seja o leão e a outra, o impala, e, ao som das vozes das pessoas que estão ao redor, o leão sabe se está perto do impala ou não, pois se falam bem alto significa que o leão está perto e se falam bem baixo significa que ele está bem longe.

Foi encantador ver estudantes levantando suas mãos sem parar porque queriam falar o que sabiam sobre essas culturas, sobre o racismo e mostrar que sabiam valorizá-las.

Em todas as demais rodas, notamos a receptividade, o desejo de se discutir, saber e sair da zona de conforto em relação a esses assuntos; vimos professores buscando formação para levarem dados corretos e experiências novas aos seus alunos devido à inserção do ensino das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras nas escolas pelas leis 10.639 e 11.645 (a primeira, sancionada em 2003, institui o ensino das culturas e das histórias afro-brasileira e africana e a segunda, de 2008, complementa a anterior, acrescentando o ensino da cultura e da história indígenas).

Nessas rodas, pudemos ainda ver amigos se tornarem nossos convidados porque tinham algo para compartilhar e convidados que se tornaram amigos, tamanha generosidade e cumplicidade que estes momentos trouxeram entre os que lá estavam.

Uma de nossas convidadas, já citada anteriormente, Chirley Maria, foi muito espontânea e sincera ao relatar suas experiências e ao responder as perguntas dos professores e do público presente. Ela nos apresentou outra noção de experiência infantil, já que as crianças indígenas ficam o tempo inteiro com a mãe, aprendem a ajudar os adultos desde pequenas e que os adultos, por sua vez, também brincam.

Ainda tivemos o compartilhamento do indígena do povo Guarani-mbya, Adriano Veríssimo, que contou uma história na sua língua, da forma como, segundo ele, os mais velhos contam, e ainda nos apresentou oncinhas esculpidas na madeira para mostrar um de seus trabalhos artesanais.

Foi gratificante notar que suas presenças estavam sendo valorizadas e admiradas devido às histórias e aos relatos sobre a luta de seus povos.



Bonecas *Abayomi* confeccionadas por crianças dentro do projeto Recreio nas Férias, em julho de 2014. Foto: Rosana Borges Silva

Uma das atividades propostas nas rodas era a confecção das bonecas *Abayomi*. Contávamos uma das histórias em torno da sua origem: a de que eram feitas pelas escravas nos navios negreiros com pedaços de tecidos que elas tinham no corpo para acalantar suas crianças.

Este compartilhamento ocorreu em três de nossas rodas, cada uma delas com públicos diferentes, de professores a crianças, incluindo o público espontâneo. Em todas as rodas era interessante notar o envolvimento de cada um ao fazer sua própria boneca, fosse com o intuito de ficar com ela, ou mesmo de entregá-la de presente. Enfim, cada um mostrando para o outro a sua obra e ficando feliz por ter feito algo com um significado tão delicado e forte, pois este momento dentro da roda nos dava, ao mesmo tempo, uma leveza pela confecção da boneca, mas também nos levava à reflexão sobre tudo o que aconteceu com nossos ancestrais.

Essas rodas, sem dúvidas, trouxeram inúmeros aprendizados, conectaram pessoas em prol de uma mesma busca, de um mesmo conhecimento, de um desejo mútuo de se entender e de entender a importância dessas culturas para nós e para o mundo.

Afinal, era possível notar pelas falas de convidados e de todo o público – de professores, público espontâneo a crianças – que ainda existe muita curiosidade, desconhecimento e uma forma

equivocada de ver os costumes de culturas indígenas e africanas.

A presença de Adriano e Chirley foram realmente significativas. Eles nos esclareceram muitas questões e os participantes da roda comentavam: “ainda temos muito o que aprender” ou “se vivêssemos todos em comunhão, e não dessa forma, aprenderíamos mais e nos ajudaríamos mais”.

Lembro de uma professora que perguntou a Chirley sobre uma dúvida e, depois de ouvir a resposta, disse: “Nossa, eu ia passar de forma errada para meus alunos. Ainda bem que vim hoje aqui”.

Em todas as rodas concordávamos mutuamente que era importante lutar contra o preconceito e todas as formas de esquecimento a respeito dessas culturas tão responsáveis pela nossa formação e que não nos damos conta devido, por exemplo, aos livros didáticos adotados nas escolas e ao fato de os veículos de comunicação transmitirem conteúdos de forma equivocada, que não contam coisas importantes: desde que os europeus chegaram ao Brasil e começaram a exploração de terras e dos habitantes mais antigos deste território, os indígenas, assim como a África, têm muito mais história, que os negros que foram trazidos como escravos tinham uma vida antes de chegarem aqui, e da luta de ambos, negros e indígenas, por sobrevivência, direitos e reconhecimento de humanidade. Muitos perguntavam: “Por que não vimos isso na escola? Por que aprendemos mais sobre arte europeia do que sobre a indígena, a afro-brasileira ou a africana?”

Eram muitas as indagações, a tristeza e a revolta, tamanha a injustiça com essas pessoas que constituíram o nosso povo. E ouvíamos dizer de todos nossos convidados das rodas de compartilhamento que tinham aceitado o convite porque entendiam a importância de se falar, discutir, informar e estar próximo de quem já entendeu que, para se entender como ser humano, é preciso não fechar os olhos para suas raízes, seus ancestrais, de onde veio e quem é, daí a importância de aprender com o passado, recuperando memórias, para construir o futuro”.

Já as **intervenções narrativas** trouxeram um contato mais próximo, uma relação de confiança que se instaurava, diálogos muitas vezes longos, muitas vezes curtos ou apenas um agradecimento seguido de um olhar de cumplicidade, desabafos de pessoas que, ao ouvirem as narrativas, queriam nos contar as delas, suas próprias histórias de vida, ou o que tinham aprendido. As reflexões acerca das histórias contadas possibilitavam um espaço para a conversa.

Por exemplo, uma história que contei a um homem de origem indiana o motivou a falar sobre a filosofia e as formas de vida encontradas em seu país. E confesso que aprendi demais naquele compartilhamento mútuo. Fomos tomados pela emoção de sentirmos que precisávamos estar ali trocando aquelas palavras.

Era nesses momentos que podíamos notar a forma com que a pessoa via, sentia e assimilava aquela história, além da receptividade da escuta e o desejo de narrar. Foram muitos os momentos que guardo na memória, na alma e no coração, como escrevi inicialmente, e serão muitos ainda os encontros e os aprendizados, porque nossas culturas, indígenas e africanas, são muitas, são fartas, são fortes, são lindas, são grandes, são importantes, são instigantes, são enriquecedoras, são nossas.



A narradora Roberta Stein em intervenção narrativa no Foyer do CCSP. Julho de 2014. Foto: Gyorgy Laszlo.

Sementes de histórias, sementes de vida

por Daniela Landin

Um espectro? Uma alma penada? Uma fada? Contrariando a percepção criadora do público – de quem ouvi essas indagações –, apenas uma narradora, que caminha pelos espaços do CCSP com uma vela nas mãos, sedenta por contar histórias de espíritos que habitam árvores gigantescas em florestas africanas e de entes estranhíssimos que povoam as matas e o imaginário de certo povo indígena – no caso, o povo Tukano, que vive no Amazonas, próximo às fronteiras da Colômbia e da Venezuela⁶. "Você me ajuda a acender esta vela?", a narradora perguntava a cada possível interlocutor. Entre o estranhamento e a curiosidade, as pessoas quase sempre aceitavam a proposta do jogo e embarcavam na experiência, sempre arriscada, do encontro.

Contando histórias, descobrimos em nossos ouvintes grandes contadores⁷ – pessoas que, estimuladas pela narração e por nossa abertura para a escuta, passavam a contar situações de suas vidas, confiando-nos suas fabulações, compartilhando seus modos de ser e estar. Como estão no mundo e pertencem à humanidade, essas histórias podem ser recontadas e reinventadas... Quem sabe um dia ao menos parte delas retorne até os nossos narradores?

No contato com as crianças (participantes das **rodas de compartilhamento**, ação que integrou também o Recreio nas Férias), compartilhamos jogos africanos e indígenas, como quem quer brincar junto. E nos divertimos como parte de uma comunidade que ocupava, naquele momento, um espaço do CCSP, também como parte de uma comunidade de

⁶ Sempre bom recordarmos do universo heterogêneo composto dos povos indígenas. Só no Brasil, tal universo é formado por 305 etnias, de acordo com o Censo 2010 divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

⁷ A estimativa é que foram abordadas, durante as intervenções narrativas, 210 pessoas no mês de junho e 190 pessoas em julho.

descendentes de africanos e indígenas e, sobretudo, brincamos por ser esse um gesto próprio de mulheres e homens; em suma, brincamos porque pertencemos à comunidade humana. E falamos sério, ao discutir racismo, escravidão, manifestações da cultura afro-brasileira, como a capoeira e o jongo, entre outros temas levantados pelos próprios estudantes, que não cansavam de compartilhar suas experiências e pensamentos – o desenho que alguém fez do cacique, o significado do pajé em uma aldeia, etc.

Escancaramos a quem quisesse ver a nossa falta de habilidade no jogo de peteca (presente em diversas culturas indígenas, por exemplo, entre os Xavante, que vivem no Mato Grosso), com o qual iniciávamos as **intervenções narrativas** e que, em alguns momentos, voltávamos a praticar entre os intervalos das narrações pelos espaços do CCSP. Erramos muito e, vez ou outra, começamos a acertar. Com o treino, foi, aos poucos, possível perceber a nossa apropriação do jogo. Nosso corpo foi criando entendimento e ganhando memória. E, assim, quem não sabia pôde aprender fazendo. Em um dos dias, um grupo de adolescentes desejou se juntar a nós para jogar. Jogamos por um bom tempo – difícil precisar exatamente quanto –, experimentamos formas, estipulamos metas, divertimo-nos com nossos erros e acertos, tudo em momentos de muita alegria. O cansaço foi desacelerando os corpos e nós, percebendo o ensejo, propusemos uma história. Já era noite e os adolescentes se sentaram em um banco localizado embaixo de uma das árvores do Jardim Luiz Telles. Acendemos nossas velas e passamos a narrar. E foram uma, duas, três histórias porque, a cada narrativa, eles pediam mais uma e mais uma e mais uma.

“Você já teve um mau encontro?”

Segurando uma vela apagada, resquício do encontro anterior, perguntei a um rapaz se poderia me ajudar a acendê-la e, para minha surpresa, depois de alguns segundos em silêncio, ele me perguntou: “você é uma fada?” O encontro foi todo pontuado por paralelos que ele fazia entre as narrativas que contava e os elementos e os personagens do universo de

fantasia do RPG, o que fez lembrar-me de um comentário de um assíduo frequentador do Centro Cultural, morador de rua, após uma de minhas narrativas: “como é incrível a capacidade de fabulação do ser humano!”

Em frente ao Jardim Luiz Telles, com suas árvores enlaçadas por panos brancos (ali instalados por ocasião dos 32 anos do CCSP e da morte do arquiteto Luiz Telles, um dos autores do projeto arquitetônico do Centro Cultural São Paulo), uma narradora chama a atenção para aquela pequena floresta imaginada, redimensionada pelo universo das narrativas. Assopra o apito que carrega em direção às árvores, como que para encantá-las e pegar emprestado para si um pouco do encanto delas. Alguém que passa por ali ouve da narradora: “Você acredita que alguma coisa pode habitar as árvores?” O luto, ritualisticamente, como forma de celebração da vida. Em “A mensagem”, um conto nama, da Namíbia, a Lua resolve dizer às pessoas: “Assim como eu, a Lua, morro e volto a viver, vocês também devem morrer e viver novamente”. O problema é que a Lebre, interessada na fama que ganharia ao repassar esta importante mensagem, confundiu-se e...

“Essas foram as minhas histórias. Doces ou amargas, espero que você as leve consigo e que, um dia, ao menos parte delas retorne para mim.”

Certa vez, duas narradoras resolveram abordar um rapaz juntas. Ele ouviu atentamente nossas histórias e, ao final, pedimos que ele escolhesse uma semente para que cada uma pudesse “plantá-la” em seu próprio cordão. Foi quando ele esbarrou a mão no saquinho, proporcionando-nos uma imagem belíssima: uma chuva de sementes, que, esparramadas pelo espaço, mostravam-nos a possibilidade de as nossas histórias estarem plantadas por todo canto, em cada canto das pessoas. Outro público frequentador do Centro Cultural São Paulo é o profissional da educação, interessado não só na programação cultural, mas também nas atividades oferecidas por meio do projeto Professor no Centro⁸. A primeira **roda de**

⁸ Sobre o projeto: “A proposição central é a de que o professor viva a complexidade da cultura, pensando sobre o que diz, dizendo sobre o que sente e sentindo o que pensa. A ideia é trazer o professor para o

compartilhamento de experiências integrou esse projeto. Muita expectativa da nossa parte, os professores que não paravam de chegar... Ao longo da conversa e das partilhas, as falas tão significativas de dois indígenas convidados (Chirley Maria, da etnia Pankará, e Adriano Veríssimo, guarani-mbya, já mencionados) e também dos participantes da roda. Uma professora, uma interlocutora do Coletivo Cafuzas, compartilhou uma música Munduruku (povo localizado no Pará, no Mato Grosso e no Amazonas) e salientou a importância de ouvir indígenas falarem sobre as próprias experiências. Por fim, a gratificação. “Muito obrigada” – era o que diziam a boca e o corpo todo dos participantes... sobretudo os nossos.

“Qual seria a mensagem mais importante que alguém ou algo poderia lhe trazer?”

Numa das rodas, uma convidada, profundamente envolvida com as questões indígenas, contou que... Era uma vez, uma mulher que estava hospedando outra, indígena, em sua casa. Esta hóspede passou alguns dias apenas seguindo e observando a dona da casa a cada tarefa sua, sem dizer qualquer palavra. Em determinado momento, a hóspede indicou o sofá, falou para a anfitriã se sentar e, diante dela, com um português bastante rudimentar, disse algumas coisas que alteraram sua vida para sempre: “Mulher branca burra, burra... Trabalho muito. Comida muito. Casa muito. Roupa feia, sem colar. Cadê tempo pra cantar, pra dançar...? Cadê tempo pra brincar?”

Num jogo de peteca, iniciamos nossa intervenção na vida do CCSP e, em estado de jogo e pesquisa, com este mesmo brinquedo, encerramos esta experiência.

Quantas sementes teriam brotado naqueles tantos cantos?



A narradora Daniela Landin conta história para um taxista na calçada da Rua Vergueiro, em intervenção narrativa. Junho/2014. Foto: Gyorgy Laszlo

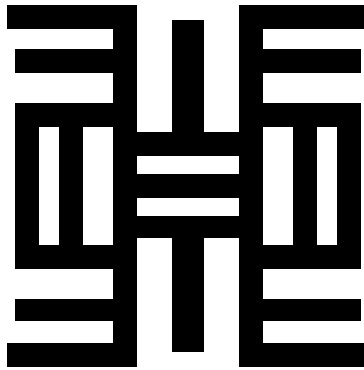


Figura 2: *Nea onnim no sua a, ohu*, símbolo Adinkra: “Quem não sabe pode saber aprendendo. Símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente e da busca contínua pelo saber.”⁹

⁹ NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. *Op. Cit.*, p. 180.